



## **CULTURA E IDENTIDADE DAS MULHERES A PARTIR DA NARRATIVA NO MOVIMENTO CULTURAL: CARNAVAL DAS ÁGUAS EM CAMETÁ-PA.**

Jalva Farias Teles - ProfArtes/UESC/UFPA

Em 08/02/2016, uma reportagem divulgada no site Roma News- Jornal Portal verdade em notícia<sup>1</sup> chamou-nos a atenção o título: “*Pesquisadora de Harvard participará do Carnaval das Águas em Cametá*” e do subtítulo “*Gia Wolff espera fazer novas descobertas na “terra dos notáveis”*”, imediatamente pensamos: Qual o papel da mulher nesse modelo da cultura local? Todavia, na sequência textual, é apresentada a imagem com várias crianças mulheres que evocam personagens fantasiadas em cima de um barco.

No corpo de texto, composto por vozes/discursos (jornalista/pesquisadora), não há menção à participação de mulheres, porém, nas narrativas a presença feminina inaugura o movimento com a criadora Sr.<sup>a</sup>. Cornélia Ranieri, fato esse que ora parecem divergir, ora se assemelham (Figura1) a um coro unísono da indústria cultural machista. A partir dessa percepção, propõe-se este breve estudo, centrado na reflexão de duas importantes categorias nos estudos contemporâneos: cultura e identidade na sociedade, a qual, de acordo com Homi Bhabha (1998), no fim do século XX, vivencia o desaparecimento de mitos de sustentação de purezas culturais e orienta-se pelos discursos de diversidade cultural.



Figura 1: Carnaval das águas, cordão última hora.

Fonte: Viviane Menna

Durante décadas as mulheres foram escusadas ou vistas como objeto sexual. Observa-se uma mudança no comportamento e no papel que as mulheres vêm assumindo no decorrer dos anos, lutando e se firmando cada vez mais em uma sociedade machista, que aos poucos vai se rendendo diante das lutas e histórias femininas.



O Carnaval das águas em especial o “Cordão última hora”, foi criado por dez integrantes dentre estes, uma mulher, a mentora: Cornélia Ranieri; fato que merece destaque, uma vez que a época da criação do cordão (1934) as mulheres não tinham “voz”, pois eram criadas/doutrinadas para casar e se tornarem donas de casa.

O objetivo deste artigo é destacar a invisibilidade feminina dentro do movimento cultural “carnaval das águas”, especificamente o “cordão ultima hora”. Por meio de pesquisa bibliográfica e de análise discursiva do texto jornalístico, esperamos compor um quadro de entendimento sobre os fatores que influenciam na formação das concepções de cultura e identidades femininas no contexto de movimentos culturais.

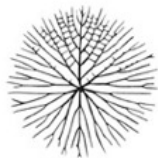
### **CULTURA E IDENTIDADE NOS ESPAÇOS DAS DIFERENÇAS**

Importa esclarecer que a análise apresentada segue a teoria do discurso de Mikhail Bakhtin (1992), para quem o discurso é uma construção de sentidos vinculada ao contexto social no qual o texto se desenvolve; corresponde às construções ideológicas fornecidas pelos enunciados, pelas unidades de sentido estabelecidas na situação concreta de comunicação e interação. Desse modo, a reportagem em questão é tomada na sua recepção concreta, como um processo discursivo, em que as unidades de sentido estabelecem uma rede de interação, de significados que dialogam com outros discursos. Assim, a análise aqui proposta parte do momento em que se efetivou a leitura da matéria jornalística na página do site *Roma News*, e a partir disso surgiram às questões aventadas.

No excerto referido, o processo da produção cultural está bem definido: A participação maciça da figura masculina capaz de exportar uma ideia predominantemente machista e, na fotografia, percebe-se a figura da mulher no local –, produz bens que entende ser representativos dessa cultura local. A atividade de fabricar máscaras, vestimentas, danças, enriquecendo o imaginário, preocupando-se em marcar a identidade local acrescentando “um toque local — trajes típicos desta região da Amazônia Paraense”.

Hoje podemos dizer que Cornélia Ranieri foi dos um dos rostos ocultados na história de um movimento cultural que tem mais de 80 anos, sendo esta uma artista/artesã que nasceu em 14/06/1917, faleceu em agosto de 2003 aos 86 anos; que por amor se dou por muitos anos ao movimento cultural e segundo seu filho se divertiam muito com as brincadeiras, faziam as máscaras porque gostavam.

Para o antropólogo Clifford Geertz (2008), a cultura é compreendida como um sistema *de símbolos e de sentidos* (significações), partilhados pelos membros de um grupo social; desse modo, os significados desses símbolos não estão internalizados no homem, uma vez que estes estão incorporados em suas ações e na interação de suas relações sociais, no contexto de suas vivências e práticas.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Essa concepção é baseada na noção de que a cultura não se restringe a um objeto que pode ser portado ou manuseado pelos membros de dado grupo, mas se refere aos significados construídos nas relações que constituem a própria existência humana. Assim, pressupõe-se que o ser humano é um animal incompleto e que, certamente, não haveria cultura sem este, mas, de forma semelhante e muito significativa sem cultura não haveria homens.

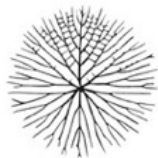
Nessa linha de raciocínio, como conceber que o papel da mulher determina ou pode construir uma cultura, como depreendemos no enunciado que compõe a reportagem: “Gia Wolff espera fazer novas descobertas na “Terra dos notáveis”<sup>2</sup>. “De acordo com a arquiteta, a viagem é em busca de algo diferente”, sem mencionar o olhar cultural sobre a participação das mulheres jovens e/ou crianças que estão estampadas na fotografia. (Carnaval das Águas em Cametá, 2019).

Nessa linha de discussão, destacamos Homi Bhabha (1998), para quem a cultura é toda a forma de conhecimento produzido e transmitido pelo homem. O autor afirma que a cultura se faz na sociedade, e é no contexto social que ela se manifesta, a exemplo do que se observa nos comportamentos motivados pelas diversas tecnologias contemporâneas, uma vez que elas servem de meio para que os conhecimentos dos mais diversos campos sejam expressos, divulgados e recepcionados.

Há uma necessidade de estabelecer uma ponte sobre o local e o mundial, a fundadora do grupo “Carnaval da águas”, no rio Tem Têm de uma ilha do interior do município de Cametá, é descendente de italianos, segundo relatos de seu filho Jose Ranieri sua mãe produzia as máscaras na época que eram feitas todas em papel no molde de barro e que o mesmo com onze anos na época ajudava na construção das mesmas.

“Pensar a produção artista das mulheres nos remete aos movimentos de ruptura necessários em cada época, indispensáveis em cada vida, inúmeras vezes angustiantes em cada destino particular, para que pudéssemos romper os limites impostos às mulheres. Daí ser desafiador pensar o quando cada uma destas aqui representadas teceram rupturas diárias para entrar em um mundo público que não lhes atribua um lugar tranquilo e muito menos cativo.” (Assis e Santos-2016 pag.18).

Atualmente o Cordão última hora é composto por quarenta brincantes coordenados pelo sr Vital II, observa-se que os homens estão à frente das principais decisões do grupo, nas finanças, são os autores das músicas cantadas em prosa e verso que embalam as apresentações, assim como na construção das máscaras, já as mulheres assumem o papel patriarcal, usam vestimentas com moldes da década de 80, um top e uma saia curta godê abaixo do umbigo, com lantejoulas, guipir e outros adereços, as mesmas segundo relato de Jerry Santos sobrinho do sr. Vital II, as meninas que participam do movimento já não querem mais sair, elas tem vergonha, querem usar as máscaras mas não é permitido, pois só os homens podem usar as máscaras e se vestirem com roupas onde nós não conseguimos identificar a pessoa.



Dentre tantos personagens, quem chamou atenção foi a esposa do senhor Vital, Dona Ruth Carvalho, uma senhora de 50 anos é a responsável pela manutenção e construção das vestimentas tanto dos homens quanto das mulheres, ela com toda sua humildade e alegria, fala como é bom fazer parte do grupo, mesmo trabalhando horas afins nas costuras.

Há décadas a mulher que manipulava uma máquina de costurar era tida como submissa, hoje, com a nova identidade feminina, essa mulher que faz questão de ser a costureira do grupo, papel ela assume hoje de artesã ou a dona Ruth esposa do Sr. Vital, dá a ela um “empoderamento”, além de ter o “status” de esposa do coordenado, é a principal responsável pela criação/manutenção das roupas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por muito tempo, a cultura foi pensada como um conjunto de fenômenos, eventos, fatos, sentidos e qualidades subjetivas do indivíduo organizadas estaticamente, transmitido de geração em geração por meio de vários mecanismos, processos e instituições sociais, dentre as quais, a família, a igreja, a escola, o Estado, as relações sociais. Na contemporaneidade, não se pode acreditar na existência de uma cultura estável e essencial; as sociedades, mesmo que apresentem traços ainda tradicionais como sugerem alguns enunciados que compõem a reportagem analisada, vivenciam processos de mudanças e adaptações constantes, e, certamente, as mulheres ribeirinha do carnaval das águas, por meio das variadas formas de comunicação e informação participam da produção da cultura local.

É evidente, ainda, a apropriação discursiva da tradição, das ideias do “conhecimento nativo” pela indústria cultural carnavalesca, a qual se direciona aos jovens, aos lugares em que percebe a possibilidade de expansão cultural, restando à produção e à circulação da arte feminina.

Como demonstra Bhabha (1998), o mundo contemporâneo vive uma complexidade de mudanças onde há uma combinação de elementos como espaço, tempo, inclusão, exclusão, que potencializam o fim dos mitos de culturas puras, ainda existentes. Então, é por meio da cultura, como ato de criação humana, que o homem constrói suas identidades, tomando conhecimento de si mesmo, refletindo sobre si, individual ou coletivamente, e, assim, pode produzir identificações/identidades complexas dentro de um determinado tempo e espaço.

## **REFERÊNCIAS**

ASSIS, Maria Elisabete Arruda de; Santos, Tais Valente dos (Org.) **Memórias femininas: mulheres na história, histórias de mulheres**/Maria Elisabete Arruda de Assis; Tais Valente dos Santos-Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana,2016, 246p.:iL.  
BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas I. 7ed. São Paulo: Brasilense, 1994a, p. 197-221.

\_\_\_\_\_. História cultural do brinquedo \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras escolhidas I. 7ed. São Paulo: Brasilense, 1994b, p. 244-248.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação.** São Paulo, Editora 34, 2002.

FEATHERSTONE, Mike. **O Desmanche da Cultura: globalização, pós-modernismo e identidade.** São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997. (Coleção megalópoles).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1. ed., 13. reimp. Rio de Janeiro: LTZ, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Trad. Thomaz Tadeu da Silva e Guaracira. Lopes Louro. 10º ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais;** Organização Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2000.

MEIRA, Ana Marta. **Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea.** Psicologia & Sociedade - UFRGS; nº 15 (2), p. 74-87; jul./dez. 2003.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal.** 6ª ed. São Paulo, Editora Record, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu de (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Coleção educação pós-crítica).

<sup>1</sup>Endereço: <https://www.romanews.com.br/cidade/pesquisadora-de-harvard-participara-do-carnaval-das-aguas-em-cameta/30624/> /Acesso em 09 set 2019.

<sup>2</sup> Perífrase para se referir à cidade de Cametá. Recebeu o nome de “Notáveis” por ter sido berço de muitos personagens da história e da política Paraense.